

DO SUPREMO PASTOR PARA PASTORES: O CONCEITO DE PASTOREAR SEGUNDO O PASTOR JESUS E O APÓSTOLO PEDRO

FROM THE SUPREME SHEPHERD TO THE PASTORS: THE CONCEPT OF SHEPHERDING ACCORDING TO THE SHEPHERD JESUS AND THE APOSTLE PETER

Raí Kramer Soares¹

Anselmo Ernesto Graff²

Resumo: O tópico de estudo do presente artigo é o ofício pastoral à luz do conceito de pastorear no diálogo de Jesus com Pedro em João 21.15-17, e a posterior interpretação do apóstolo em carta escrita a igrejas de Cristo em 1Pedro 5.1-4. O objetivo principal desta pesquisa é elucidar o significado de pastorear e sua aplicabilidade no ministério pastoral. A pergunta que pretende ser respondida é o que o Supremo Pastor Jesus e o apóstolo Pedro têm a ensinar sobre pastorear suas ovelhas e o que eles podem nos instruir quanto ao significado de pastorear o rebanho de Deus. A metodologia de pesquisa deste artigo é do tipo qualitativa, e quanto aos seus objetivos, é de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa apontam que pastorear significa, primeiramente, amar o Supremo Pastor Jesus, e esse amor, por sua vez, é manifestado no cuidado com o seu rebanho. Pastorear é alimentar o rebanho de Cristo com o verdadeiro alimento, o qual o próprio Cristo nos

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2020, Canoas, RS. Pós-Graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2022). Pastor em Pinhalzinho, SC. Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2022).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia (1997), Seminário Concórdia de São Leopoldo. Mestre em Teologia Sistemática (2008), Concordia Seminary, St. Louis, USA. Doutor em Educação (2018) pela UNILASALLE, Canoas, RS.

deixou – sua Palavra e sacramentos. Pastorear é cuidar e supervisionar o rebanho espontaneamente, de boa vontade e sendo exemplo para o rebanho.

Palavras-chave: Jesus. Pedro. Pastorear. Supervisionar. Rebanho.

Abstract: The topic of study of this paper is the pastoral office considering the concept of shepherding in Jesus' dialogue with Peter in John 21:1-7 and the apostle's subsequent interpretation in a letter written to the churches of Christ in 1 Peter 5:1-4. The main objective of this research is to elucidate the meaning of shepherding and its applicability in pastoral ministry. The question that is intended to be answered is what the Supreme Shepherd Jesus and the apostle Peter have to teach about shepherding his sheep and what they can instruct us as to the meaning of shepherding God's flock. The research methodology of this article is qualitative, and its objectives are exploratory in its nature. The technical research procedure used was the bibliographic research. The results of the research indicate that shepherding means, above all, loving the Supreme Shepherd Jesus, and this love, in turn, is manifested in the care for his flock. To shepherd is to feed Christ's flock with the true food, which Christ himself left us – his Word and Sacraments. To shepherd is to care for and oversee the flock spontaneously, willingly, and by being an example to the flock.

Keywords: Jesus. Peter. Shepherd. Supervise. Sheep.

INTRODUÇÃO

Pastorear ovelhas é uma das mais antigas vocações campesinas. Era um trabalho essencial em uma sociedade agrícola e pastoril como a dos tempos bíblicos, tanto no Antigo Testamento (AT) quanto no Novo Testamento (NT). Mas não era um trabalho fácil, pois o pastor tinha que encontrar pasto e água para o rebanho em uma terra onde ambos eram escassos. Era necessário proteger o rebanho contra o mau tempo. Era preciso cuidar das ovelhas doentes e das que se feriam. O pastor precisava estar constantemente em guarda contra os animais selvagens que atacavam o rebanho. Fazia parte da sua missão dar segurança às ovelhas que estavam

no aprisco e sair em busca das desgarradas. E se uma ovelha se perdesse, o pastor era responsabilizado (ROPS, 1983, p.150,151).

O fato é que na Sagrada Escritura, entre as imagens que ela oferece para ilustrar a relação existente entre Deus e o seu povo, uma delas é a imagem do rebanho e seu pastor. O povo de Deus é representado como “rebanho” ou como “ovelhas”, sob a orientação e cuidado de Deus e líderes humanos que por sua vez são instados a “pastoreá-las” (Jr 23.1-4; Ez 34.1-31; Jo 21.15-17; At 20.28-29; 1Pe 5.1-4).

HISTÓRICO DO CONCEITO DO PASTOR

No Antigo Oriente Próximo, o título de “pastor” tornou-se, muito cedo, um título honorífico aplicado a divindades e, do mesmo modo, a governantes, tanto em listas de reis sumérios como em textos babilônicos. O costume parece ter sido seguido por toda a antiguidade. A terminologia pastoral esteve muito em voga em todo o mundo helenístico (BEYREUTHER, 2000, p.1.587).

No AT, o título “pastor” é empregado em especial a *Yahweh* (Gn 48.15; 49.24), sendo que em alguns salmos e escritos proféticos, *Yahweh* como pastor do povo de Israel recebe grande proeminência (Sl 23; 28.9; 68.8-9, 74.1; 77.20; 78.52-53; 79.13; 95.7; 110.3; 121.4; Jr 23.2; 31.10; 50.19; Ez 34.11; Is 40.10-11; 49.9; Mq 4.6-7; 7.14) (BEYREUTHER, 2000, p.1.587).

O título também é aplicado aos líderes de Israel (e.g., a Davi, em 2Sm 5.2, 1Cr 11.2; Sl 78.71-72). Em Isaías 44.28, *Yahweh* chama Ciro, rei da Pérsia, de “meu pastor” (BEYREUTHER, 2000, p.1.589), porque ele estará a serviço do Senhor.

O Messias também era referido como sendo pastor enviado da parte de Deus. Num período em que a desgraça estava sendo desencadeada, o título de “pastor” apareceu subitamente como designação do futuro Messias davídico. A princípio, as referências eram a “pastores” (pl.), mas essas profecias apontavam para a figura de um único pastor (Jr 3.15; 23.4; Ez 34.23; 37.24). O pastor descrito como “Messias” ou Davi, foi particularmente enfatizado, em tempos pós-exílicos, em Zacarias 13.7 (cf.12.10) (BEYREUTHER, 2000, p.1.589).

O judaísmo intertestamentário estabeleceu distinções entre os pastores. Após o exílio, os rabinos fariseus suscitaram no judaísmo palestino uma intensa desvalorização da ocupação de pastor.³ De acordo com seus escritos, num tempo de baixas remunerações, os pastores eram suspeitos de desonestidade. Os piedosos eram proibidos de comprar lã, leite ou carne dos pastores. Até mesmo os privilégios cívicos (as funções de juiz e testemunha) eram negados aos pastores (BEYREUTHER, 2000, p.1.589). Segundo Rops (1983, p.150), havia um ditado popular que incluía o trabalho de pastor entre as profissões que o judeu não deveria ensinar a seu filho.

No NT, o termo ποιμήν (pastor) ocorre no total de dezoito vezes, sendo nove vezes nos evangelhos sinóticos, seis vezes em João e uma vez em Hebreus, 1Pedro e Efésios. O conceito contemporâneo negativo dos pastores não foi adotado no NT, porém, pode ser digno de nota o fato de que Deus escolheu um grupo de pastores, talvez carregando a fama negativa de suas ações, para anunciar as boas novas do nascimento do Messias (Lc 2.8-20), e é somente aqui que os pastores desempenham um papel ativo no NT; de resto, aparecem somente em parábolas e figuras de linguagem (BEYREUTHER, 2000, p.1.589,1.590). Os contemporâneos de Jesus desprezavam a figura do pastor, mas foi esta metáfora que Jesus empregou para mostrar o amor de Deus para com os pecadores e para revelar a sua oposição à condenação destes por parte dos fariseus (cf. Lc 15.4-6).

ποιμήν é com frequência usado para Cristo. As referências apresentam-no como o “Grande Pastor” ou “Supremo Pastor” (Hb 13.20, 1Pe 5.4), “Pastor e Bispo” (1Pe 2.25), também como “Bom Pastor” (Jo 10.11-14) (LAUTER, 2013, p.233).

Interessante que ποιμήν é muito pouco usado no NT referindo-se aos ministros da igreja. Para ser exato, ocorre somente uma vez com essa finalidade (Ef 4.11). Nesses casos, o termo πρεσβύτερος (presbítero) e ἐπίσκοπος (bispo) são utilizados com uma frequência muito maior (LAUTER, 2013, p.234). Apesar disso, quando se trata de designar o ministro nas igrejas evangélicas, o título “pastor” tem quase absoluta preponderância.

³ “Nenhuma situação da vida é tão desprezível quanto a do pastor” (Midrax sobre Salmo 23; BEYREUTHER, 2000, p.1589).

DO PRINCÍPIO GERAL PARA SUAS DECORRÊNCIAS

Pastor e pastorear são princípios gerais apresentados na Bíblia e seguidos pela maioria das denominações cristãs. Mas em que consiste, de forma mais estrita, o papel de pastoreio do rebanho de Deus?

Conforme a liturgia de instalação do pastor na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), contida no livro *Culto Luterano*, ao aceitar o chamado de uma congregação e assumir a responsabilidade de pastorear esse rebanho, o pastor é submetido a alguns deveres do seu ofício de pastorear as pessoas que lhe foram confiadas.

Pregar e ensinar a doutrina pura da Palavra de Deus, ministrar os santos sacramentos conforme a ordem de Cristo, instruir as crianças e os jovens, admoestar os pecadores, ajudar os fracos na fé, ir atrás dos perdidos, confortar os aflitos, amparar os necessitados, visitar os doentes, consolar os abatidos, enfim, cuidar de todas as pessoas que lhe foram confiadas, sempre orando pelo bem-estar espiritual delas (CULTO LUTERANO, 2015, p.209).

O pastoreio envolve uma série de deveres para com o rebanho e também consiste em cuidar de si, algo que o evangelista Lucas menciona ao usar palavras do apóstolo Paulo em Atos 20.28: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”. Esse cuidar de si também está contemplado na liturgia de instalação do pastor da IELB. “Ser dedicado no estudo particular e na meditação da palavra de Deus, cumprir o seu ofício de acordo com esta Palavra, ser um bom exemplo na maneira de viver diante da família e de todos, a fim de não causar escândalo e desonrar e difamar o ministério” (CULTO LUTERANO, 2015, p.209).

O apóstolo Paulo também desdobra o princípio geral do pastoreio exortando a Timóteo e a Tito a serem irrepreensíveis e a exigirem o mesmo de todos os que aspiram ao ofício do pastoreio. Deus requer que o pastor seja esposo de uma só mulher, moderado, sensato, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, nem violento, porém cordial, inimigo de conflitos, não avarento; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito. É necessário, também, que ele

tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair na desonra e no laço do diabo (1Tm 3.1-7; Tt 1.5-9).

A partir da liturgia de instalação de pastor, da observação feita pelo apóstolo Paulo e a qual o evangelista Lucas registra e das recomendações do apóstolo Paulo a Timóteo e a Tito, já seria possível estender implicações importantes em relação às qualificações ou competências de alguém responsável pelo ofício do pastor e pelo pastoreio em si.

Mas à luz da experiência de Pedro com Jesus, ao final do evangelho de João, especialmente as expressões “apascente os meus cordeiros” (Jo 21.15), “pastoreie as minhas ovelhas” (v.16) e “apascente as minhas ovelhas” (v.17), a pergunta que se quer responder neste artigo é o que o Supremo Pastor Jesus tem a ensinar sobre pastorear o rebanho de Deus? O que o apóstolo Pedro pode instruir sobre o significado de pastorear a partir da sua experiência com Jesus (Jo 21.15-17) e de suas palavras em 1Pedro 5.1-4?

Para chegar a respostas sobre essas perguntas, a proposta do presente artigo é fazer uma investigação exegética em dois textos bíblicos. O primeiro, o texto de João 21.15-17, e o segundo, o texto de 1Pedro 5.1-4.

CONSELHOS DO SUPREMO PASTOR JESUS PARA O PASTOR PEDRO

Jesus deu ao apóstolo Pedro a importante tarefa de pastorear o seu rebanho. O evangelho de João, a propósito, é o único que registra esse momento. Por isso, a fim de explorar o que Jesus, o Supremo Pastor, tem a ensinar sobre pastorear o seu rebanho, segue a exegese a partir dessa experiência particular com Pedro registrada em João 21.15-17.

O CONTEXTO LITERÁRIO DE JOÃO 21.15-17

O capítulo 21 do evangelho de João relata a terceira aparição de Jesus pós-ressurreição. Nos vv.1-14 o Senhor ressuscitado aparece a sete dos seus discípulos. Estes haviam deixado Jerusalém e voltado à Galileia após a ressurreição de Jesus, e o encontro aconteceu na praia do mar de

Tiberíades.⁴ Durante sua aparição aos discípulos, Jesus realiza outro milagre (uma pesca surpreendente) e faz as vezes de um anfitrião servindo uma refeição aos discípulos. Após a refeição, a partir do v.15, Jesus mantém uma conversa à parte com o discípulo Pedro, que mais tarde é acompanhado pelo discípulo amado, João (vv.20-25). Os demais discípulos praticamente desaparecem do cenário e são descritos como “estes outros” (v.15). Em seu diálogo com Pedro, que falhara com seu Senhor quando o negou por três vezes na noite em que ele foi preso (Jo 18.16-18, 25-27), Jesus restaura esse discípulo para o serviço a ele e seu rebanho, com três perguntas e uma tripla ênfase na sua missão como pastor. Conforme Bruce (1987, p.345), o Supremo Pastor, cuja voz ouvimos no capítulo 10 de João, exerce seu ministério através daqueles que ele chama para serem pastores do seu rebanho, dos quais Pedro é um deles.

APASCENTE OS MEUS CORDEIROS

Depois de terem se alimentado, Jesus perguntou a Simão Pedro: – Simão, filho de João, você me ama mais do que estes outros me amam? Ele respondeu: – Sim, o Senhor sabe que eu o amo. Jesus lhe disse: – *Apascente os meus cordeiros* (v.15 – ênfase nossa).

Jesus teve a gentileza de terminar a refeição para só então ter uma conversa a sós com Pedro. Jesus se dirige a ele chamando-o de “Simão, filho de João”, e não acrescenta, “Pedro”, o nome que ele mesmo havia dado a este Simão (cf. 1.42). Conforme Morris (1995, p.767), a questão é significativa, e é, portanto, prefixado por uma forma séria de tratamento. O uso de seu antigo nome, Simão, e a adição da explicação “filho de João”, tornou o diálogo ainda mais profundo.

O diálogo inicia com uma pergunta: *Σίμων Ἰωάννου, ἀγαπᾷς με πλέον τούτων*; – (Simão, filho de João, você me ama mais do que estes?). Em si, a expressão “mais do que estes” (τούτων – pronome demonstrativo) pode ser interpretada de três formas: (1) “Você me ama mais do que ama esses discípulos?”; (2) “Você me ama mais do que você ama essas coisas?” – O que poderia ser uma referência à arte de pesca e aos equipamentos: barco,

4 Tiberíades é um nome alternativo para o mar da Galileia, achado no NT somente em João.

redes; e (3) “Você me ama mais do que estes discípulos me amam?” (CARSON, 2007, p.675,676). No contexto, a terceira alternativa é a que mais faz sentido e é a mais aceita entre os comentaristas, entretanto, a pergunta que pode surgir é: como Pedro poderia saber o quanto os outros amavam o seu Senhor? Naturalmente ele não teria como saber, mas não muito tempo atrás ele havia exibido amor e lealdade acima da dos outros discípulos. Na noite em que Jesus foi preso, por exemplo, enquanto os outros discípulos ficavam em silêncio, Pedro foi proativo em dizer “darei a minha vida por ti” (Jo 13.37; BRUCE, 1987, p.344). No entanto, fracassou miseravelmente ao negar o seu Senhor por três vezes (Mt 26.69-75; Mc 14.66-72; Lc 22.55-62; Jo 18.15-18, 25-27). Estaria Pedro agora pronto a amar seu Senhor e Salvador de todo seu coração, de toda sua alma e de todo seu entendimento?

A pergunta inicial de Jesus sonda Pedro na profundidade de seu ser. Ele não tenta responder em termos da força relativa de seu amor comparado com a de outros discípulos. Ele apela antes ao conhecimento do Senhor. Apesar de meu amargo fracasso, ele diz, com efeito, eu te amo – *tu sabes que te amo* (CARSON, 2007, p.678 – ênfase do autor).

Um outro problema colocado é pelo uso de palavras diferentes para “amor”. Pedro usa o mesmo verbo em todas as suas respostas (*φιλέω*), mas Jesus usa um verbo diferente em suas duas primeiras perguntas (*ἀγαπάω*). Na terceira, porém, Jesus usa a palavra de Pedro (*φιλέω*). Comentaristas, em geral, sustentam que a mudança de palavra seria significativa. Alguns apoiam a ideia de que a palavra que Jesus usa nas duas primeiras perguntas denota um tipo superior de amor, enquanto a palavra de Pedro aponta para uma forma inferior de amor, talvez não mais do que um “eu gosto”.⁵ Se assim for visto, Jesus questiona Pedro se ele tem um profundo amor por ele, e Pedro, não ousando afirmar tanto, responde que ele gosta de Jesus. Então, em sua terceira pergunta, Jesus fala a linguagem de Pedro (MORRIS, 1995, p.768,769).

Outros comentaristas, entretanto, invertem o significado das duas palavras. Eles veem Jesus perguntando se Pedro tem uma afeição pessoal

5 Esta interpretação é aceita por Westcott, Bultmann, Lenski, Barclay, Plummer, entre outros.

por ele e Pedro respondendo que ele tem mais do que isso, ele tem um amor caloroso (MORRIS, 1995, p.769).⁶

A *priori*, alguém poderia pensar que uma variação de vocabulário como essa seria significativa. Mas existem certas dificuldades para sustentar essa mudança de palavras como sendo de alguma importância. Primeiro, há a dificuldade que acabamos de observar, que a diferença precisa não é fácil de discernir, de modo que comentaristas competentes tomem lados opostos (MORRIS, 1995, p.770). Segundo, João usa os dois verbos alternadamente em outras passagens do seu evangelho sem diferença de significado.⁷ Terceiro, o verbo *ἀγαπάω* em si nem sempre é diferenciado por um objeto bom. Em 2Timóteo 4.10 o amor condenável de Demas por este “presente século” é expresso por *ἀγαπάω* (CARSON, 2001, p.229,230). Quarto, os verbos *ἀγαπάω* e *φιλέω* são usados como sinônimos plenos na Septuaginta para traduzir a mesma palavra hebraica (CARSON, 2007, p.676).⁸

Portanto, entre aqueles que insistem que uma distinção entre os dois verbos deve ser mantida em cada versículo, a base para tal afirmação é precária. Os dois verbos são usados por João como sinônimos sem que se tenha em vista um significado especial, pois ele efetuou muitas vezes variações de palavras pequenas, aparentemente por razões estilísticas.

Todos concordam que sinônimos têm diferenças de associação, nuança e coloração emotiva dentro de seu campo semântico total. ‘Mas, dentro de qualquer passagem individual, essas diferenças não equivalem a uma distinção de real referência teológica: elas não especificam uma diferença no tipo de amor referido’ (CARSON, 2007, p.677).

O ponto mais importante é que Pedro reafirma seu amor pelo Senhor. Ele é restaurado e chamado novamente a seguir a Jesus e a pas-

6 Conforme Morris, talvez o representante típico dessa interpretação seja R. C. Trench, (Synonyms of the New Testament [Londres, 1880]). Entre outros que aceitam essa interpretação, segundo Morris, estão C. B. Williams e MacGregor.

7 Em João 3.35 diz que o Pai ama ao Filho e usa o verbo *ἀγαπάω*; João 5.20 repete essa ideia, mas usa *φιλέω* – sem nenhuma mudança perceptível no significado. E nas referências ao “discípulo que Jesus amava” (*ἀγαπάω* em 13.23, 19.26, 21.7,20, *φιλέω* em 20.2), também não há mudança perceptível no significado.

8 Em Gênesis 37.3, o amor preferencial de Jacó por José é expresso por *ἀγαπάω*, mas no versículo seguinte, por *φιλέω*. A palavra no texto hebraico é *אָהַב*.

torear seu rebanho. A missão que Pedro recebe agora é pastoral. Quando foi chamado pela primeira vez da sua ocupação de pescador para ser seguidor de Jesus, foi-lhe dito que dali em diante ele pescaria pessoas (Lc 5.10; Mc 1.17). Agora, ao anzol e à rede de pescador é acrescentado o cajado do pastor.

O verbo que João usa no v.15 e no v.17 para o chamado de Jesus a Pedro é o verbo βόσκω, geralmente traduzido por “apascentar”. Conforme Low e Nida, βόσκω significa: “Dar de comer a animais, em especial animais que pastam no campo ou comem erva não ceifada – “apascentar, levar ao pasto, dar de comer” (LOW; NIDA, 2013, p.225). Nesse sentido, quando Jesus diz a Pedro – βόσκει τὰ ἀρνία μου, está literalmente dizendo: “alimenta os meus cordeiros”. Outro detalhe interessante é que o verbo é um imperativo presente,⁹ o que dá a ideia de “estar sempre alimentando”, ou seja, fornecendo forragem e pastagem constantemente.

No sentido figurado, alimentar o rebanho de Jesus – a igreja a qual ele comprou com seu próprio sangue (At 20.28),¹⁰ é alimentá-lo constantemente com o alimento espiritual, i.e., a palavra de Deus e os santos sacramentos. Dessa forma, o rebanho é nutrido na fé para a vida eterna.

PASTOREIE AS MINHAS OVELHAS

Jesus perguntou pela segunda vez: – Simão, filho de João, você me ama? Ele respondeu: – Sim, o Senhor sabe que eu o amo. Jesus lhe disse: – *Pastoreie as minhas ovelhas* (v.16 – ênfase nossa).

Nesse versículo, Jesus fez a mesma pergunta a Pedro, mas omitiu a comparação “mais do que estes”. Pedro também respondeu da mesma maneira, com um “sim” enfático. Ele não se gabou e nem se opôs. Ele simplesmente apela à onisciência de Jesus de que ele realmente ama seu Senhor. No entanto, o verbo usado para o chamado de Jesus a Pedro, aqui no v.16, é o verbo ποιμαίνω. Low e Nida, dizem que ποιμαίνω centra-se em “tomar conta de, cuidar de” (LOW; NIDA, 2013, p.461). Conforme Morris (1995, p.771), esse verbo tem um significado um pouco mais amplo do que

⁹ Imperativo presente no grego denota uma atividade contínua, costumeira.

¹⁰ Conforme as *Confissões Luteranas*, a igreja é “[...] os santos crentes e os cordeiros que ouvem a voz de seu pastor [Jesus]” (ARTIGOS DE ESMALCADE, art. XII, 2021, p.359).

βόσκω, pois significa “exercer o ofício de pastor” em vez de simplesmente “apascentar ou alimentar”. Nesse sentido, além de alimentar o rebanho, Pedro foi encarregado de cuidar e guiar o rebanho de Cristo, protegendo e vigiando todos os aspectos envolvidos nesse trabalho.

Um outro detalhe é que nos versículos 16 e 17, a palavra para se referir ao rebanho de Jesus é πρόβατά – “ovelhas”, e não ἀρνία – “cordeiros” (v.15). Alguns comentaristas interpretam como se os cordeiros fossem os pequeninos do reino de Deus – as crianças, e as ovelhas fossem os adultos. No entanto, “cordeiro” ou “ovelhas” está se referindo ao rebanho de Jesus. Conforme Lenski, “[...] “minhas ovelhas” são aqui todo o rebanho e, portanto, incluem quaisquer cordeiros, embora sem mencioná-los em particular” (LENSKI, 1961, p.1.423 – tradução nossa). O ponto principal é que existe um chamado de Jesus a Pedro para se envolver em deveres pastorais.

APASCENTE AS MINHAS OVELHAS

Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: – Simão, filho de João, você me ama? Pedro ficou triste por Jesus ter perguntado pela terceira vez: “Você me ama?” E respondeu: – O Senhor sabe todas as coisas; sabe que eu o amo. Jesus lhe disse: – *Apascente as minhas ovelhas* (v.17 – ênfase nossa).

Pedro negou o Senhor por três vezes, e agora o Senhor o convida a declarar o seu amor por ele igualmente três vezes. Pedro ficou muito triste, mas não porque Jesus usa aqui o verbo φιλέω, mas porque Jesus lhe fez a pergunta pela terceira vez. Sua tristeza pela pergunta tríplice o impeliu a uma resposta um pouco mais completa: “O Senhor sabe todas as coisas; sabe que eu o amo”. Mas, embora sua resposta seja mais completa, falta o “sim, Senhor” das duas respostas anteriores. Pedro não se aventura em sua própria afirmativa desta vez, confia na onisciência do Senhor (MORRIS, 1995, p.771,772). Conforme Kretzmann, “[...] aquele que sabe todas as coisas, que perscruta corações e mentes, poderia e iria ler corretamente o sentimento de seu coração e saberia que o amor que ele tinha ao seu Salvador era genuíno [...]” (KRETZMANN, 1921, p.528 – tradução nossa).

Após a resposta de Pedro, de novo Jesus lhe disse: βόσκει τὰ πρόβατά μου. – “Alimente [continue alimentando] minhas ovelhas”.

Santo Agostinho, ao falar sobre João 21.15-17, comenta que Cristo, o Senhor, quis indicar como Pedro deveria mostrar que o ama. E ele deixou isso bem claro, confiando-lhe as suas ovelhas. “Você me ama?” “Eu o amo”. “Alimenta as minhas ovelhas”. Disse isso uma vez, uma segunda vez e uma terceira vez. Pedro não deu outra resposta senão que o amava. O Senhor não fez outra pergunta senão se ele o amava. Quando Pedro respondeu, o Senhor não fez outra coisa senão confiar-lhe as suas ovelhas (ANCIENT CHRISTIAN COMMENTARY ON SCRIPTURE, 2007, p.387). Semelhantemente, Crisóstomo diz que Pedro deveria manifestar seu amor por Cristo pastoreando suas ovelhas e mostrando a elas o calor do amor que ele sempre demonstrou e no qual se alegrou. E a vida que ele disse que daria por Cristo, deveria dar agora pelas suas ovelhas (ACCS, 2007, p.386).

Pedro levou a sério o chamado de Jesus. Ele exerceu o pastorado em várias igrejas da terra de Israel (At 1-10) e, mais tarde, ele exorta outros líderes da igreja a pastorearem com amor o rebanho de Deus (1Pe 5.1-4), conforme vamos ver a partir de agora.

CONSELHOS DO PASTOR PEDRO PARA OS PASTORES HOJE

No contato do Supremo Pastor Jesus com um dos seus pastores, Pedro, interessante notar que a única coisa sobre a qual Jesus o questionou antes de chamá-lo para pastorear o seu rebanho foi o amor. Com isso, é possível concluir que o amor por Jesus Cristo é fundamental no pastoreio. Entretanto, assim como Pedro recebeu o chamado pelo próprio Cristo para pastorear o seu rebanho, assim também Pedro, no recorte de 1Pedro 5.1-4, exorta a outros pastores a pastorearem o rebanho de Deus, supervisionando-o com uma série de conselhos importantes para o ministério pastoral e os quais serão vistos na sequência.

A CARTA DE 1 PEDRO – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O autor da carta se identifica como “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo” (1.1) e como um “presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e, ainda, coparticipante da glória que há de ser revelada” (5.1).

Nas palavras conclusivas dessa carta, aprendemos que Silvano, que havia sido escolhido para acompanhar Paulo em sua segunda viagem missionária (At 15.22, 27; 16.22, 29), tornou-se companheiro de Pedro, atuou como seu escriba escrevendo essa carta sob o seu ditado (5.12; SHEDD, 1993, p.102,103).

Em 1Pedro 5.13, o pastor Pedro menciona saudações enviadas por aqueles que se encontram na Babilônia. Não é uma referência à Babilônia do AT, mas uma forma simbólica de referir-se a Roma. Roma é descrita como cheia de orgulho, esplendor, imoralidade e impiedade. Pedro deveria estar na cidade quando escreveu a carta. Há uma tradição bastante confiável de que o apóstolo Pedro tivesse passado alguns anos em Roma (os últimos de sua vida), vindo inclusive a morrer lá (MUELLER, 1988, p.35). Segundo a tradição, em Roma, o apóstolo Pedro teria sido crucificado durante a terrível perseguição fomentada pelo imperador Nero (WALKER, 1983, p.54). Quanto à data, a carta deve ter sido escrita próxima ao final da vida de Pedro, na década de 60, durante o reinado de Nero.

A carta é dirigida “aos eleitos que são forasteiros da Diáspora no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na Ásia e na Bitínia” (1.1). Os destinatários mencionados podem ser moradores dos antigos distritos ou províncias em que os romanos organizariam seu império, região da atual Turquia. São cristãos de origem gentílica, que foram “resgatados da vida inútil que seus pais lhes legaram” (1.18). A ênfase de Pedro é caracterizar aqueles que em Cristo se tornaram povo de Deus, descartando qualquer situação anterior (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p.471,472).

Outro aspecto importante a se destacar é que as regiões a que a carta foi dirigida indicam que essa foi desde o início uma carta circular, i.e., Pedro não escreve sua carta endereçada a uma pessoa ou uma igreja específica e não é lida por um grupo apenas.

Desde o seu início a carta teve claramente o propósito de ser aplicável às necessidades de crentes de muitos locais. Certamente Pedro sabia que aquilo que ele tinha a dizer era relevante para cristãos em geral. Conquanto sua carta tenha sido originalmente dirigida a cristãos de áreas específicas, ela está redigida de um modo que é útil para crentes de todos os lugares (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p.472).

PROPÓSITO E TEMA DE 1PEDRO

O propósito principal da carta do apóstolo Pedro é exortar e encorajar os cristãos numa época de amarga provação e perseguição, visando lhes dar força e coragem. Pedro faz isso revelando-lhes os caminhos de Deus com seus filhos, conforme revelado no evangelho, lembrando-os o exemplo de Cristo, trazendo-lhes a lembrança da gloriosa verdade de que, se sofrermos com ele, também nos gloriaremos com ele, e expondo os princípios de conduta e vida cristã, tanto negativos como positivos, que são inerentes à sua vocação e batismo (MALTE, 1949, p.728). Lutero, no breve prefácio que escreveu sobre 1Pedro, declara sucintamente que: “S. Pedro escreveu essa epístola aos pagãos convertidos, exortando-os a perseverarem na fé e a crescerem através de toda sorte de sofrimento e boas obras” (LUTERO, 2003, p.150).

A tônica da carta tem sido descrita como sendo de esperança, coragem, graça, peregrinação, sofrimento e glória, mas, de fato, embora cada um deles represente uma importante vertente da carta, nenhum deles faz justiça a ela como um todo. Pois, apesar de sua brevidade – apenas 105 versículos ao todo – é um grande resumo da fé e do dever cristão, o modelo de um encargo e comissão pastoral, composto de materiais diversos e de muitos temas, todos marcados por um entrelaçamento compacto e estreito de doutrina e conduta (MALTE, 1949, p.729). Conforme Fee e Stuart (2019, p.399, 400):

A maior preocupação de Pedro é com a vida dos verdadeiros cristãos no contexto de hostilidade e sofrimento. A carta se desenrola em um tipo de caminho elíptico, abraçando ora uma, ora outra das preocupações, retornando a elas repetidas vezes ao longo desse caminho. Ao mesmo tempo, essas preocupações são colocadas no contexto do sofrimento e da ressurreição de Cristo, como seu sofrimento oferecendo um modelo aos cristãos, além de salvá-los, e a segunda lhes dá esperança em meio ao sofrimento presente.

CONTEXTO LITERÁRIO DE 1PEDRO 5.1-4

Depois da saudação inicial (1.1-2) Pedro louva a Deus pela esperança e salvação que ele concedeu em Cristo (1.3-12). Isso forma a base para uma exortação à vida santa e obediente (1.13-16) e um lembrete da

obra redentora de Cristo (1.17-21), com um lembrete adicional acerca da importância de viver em santidade e amor (1.22-2.2). Em seguida, Cristo é apresentado como aquele em que as profecias do AT a respeito da “pedra” se cumprem (2.4-8) e os cristãos são descritos em termos empregados para o povo de Deus no AT: geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus (2.9-12).

Pedro ainda exorta aos cristãos a viverem na devida submissão às autoridades (2.13-17) e orienta especificamente os servos a que se sujeitem aos seus senhores, sofrendo injustiça, em função de Cristo, que por nós também sofreu injustiça (2.18-25). No capítulo 3, Pedro exorta as mulheres a obedecerem, mesmo a seus maridos descrentes, enfeitando-se de modo santo. Igualmente exorta aos homens a respeitarem suas mulheres (3.1-7). Em seguida, a comunidade cristã em geral é instada a viver em harmonia e amor (3.8-12) e a seguir o exemplo de Cristo, que lhes indica como devem sofrer, se necessário for, quando não tiverem cometido erro algum (3.12-22). No capítulo 4, o apóstolo fala que os crentes não são mais dominados pelo pecado, que abandonaram o estilo pecaminosos de viver (4.1-6) e que devem viver agora de maneira que resulte em louvor a Deus (4.7-11). E mais, que não devem estranhar, mas se alegrar, se tiverem que sofrer por causa do nome de Cristo (4.12-19). Por fim, no capítulo 5, no recorte que agora será investigado, Pedro exorta os presbíteros que pastoreiem o rebanho de Deus e os instrui sobre o modo como devem cumprir essa missão do pastoreio. Posteriormente ainda aconselha aos jovens (5.5-6) e a todos os demais (5.8-9) com diversos conselhos, terminando com uma doxologia (5.10-11) e uma conclusão epistolar normal (5.12-14) (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p.467).

CONSELHOS AOS PRESBÍTEROS EM SUA MISSÃO DE PASTOREAR

“Aos presbíteros que há entre vocês, eu, presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e, ainda, coparticipante da glória que há de ser revelada, peço” (v.1).

Pedro se dirige aos *πρεσβυτέρους* (presbíteros). O termo pode ser traduzido como: “mais velho”, “ancião”, ou simplesmente transliterado “presbíteros” (VERBRUGGE, 2018, p.511). Conforme Schreiner (2003,

p.230), o termo é frequentemente utilizado no NT para designar aqueles que presidiam as igrejas. A primeira menção de presbíteros está em Atos 11.30, onde o autor, Lucas, identifica-os como os líderes da igreja de Jerusalém. Ainda em Atos, conforme relatório de Paulo e Barnabé, estando eles em Listra, Icônio e Antioquia, promoveram em cada igreja a eleição de presbíteros (At 14.23). Mais adiante, quando um contingente de líderes da igreja de Éfeso visitou Paulo em Mileto, eles foram chamados de “presbíteros” (At 20.17). Em sua carta a Tito, Paulo lembra que havia designado a Tito com a responsabilidade de estabelecer presbíteros em cada cidade (Tt 1.5). E na primeira carta de Paulo a Timóteo, acerca dos presbíteros, Paulo os identifica como aqueles que administravam, ensinavam e pregavam a palavra de Deus (1Tm 5.17). E ainda, de acordo com Tiago, a pessoa que está doente e precisa de oração é encorajada a convocar os presbíteros da igreja para oração e unção com óleo, em nome do Senhor (Tg 5.14).

Esses presbíteros, então, eram os pastores das igrejas locais do NT. Eram homens comissionados para cuidar das igrejas, ensinar e pregar o evangelho. Eram escolhidos e chamados pelas congregações, e apesar de não ser uma regra, inicialmente homens de mais idade e experiência eram comumente indicados para serem presbíteros (LENSKI, 1966, p.215).

O texto de 1Pedro 5.1 é a autodescrição mais extensa dada pelo autor nesta carta. Pedro apresenta a si mesmo com uma tríplice descrição: primeiro, “presbítero como eles” ou “co-presbítero”; segundo, “testemunha dos sofrimentos de Cristo”; e, terceiro, “coparticipante da glória que há de ser revelada”.

A autodescrição de Pedro como *συμπρεσβύτερος* (co-presbítero) indica sua solidariedade com aqueles a quem ele exorta, conforme Lutero (1967 p.133 – tradução nossa), “[...] aqui São Pedro se humilha. Ele não diz que é um suserano, embora pudesse tê-lo feito, pois era um apóstolo de Cristo”. O apóstolo, com profunda humildade, não se coloca acima dos outros presbíteros, mas se coloca como companheiro presbítero dos presbíteros a quem escreve, com deveres a cumprir no mesmo espírito, sujeito às mesmas condições (MALTE, 1949, p.767). Pedro, pessoalmente, compreende suas responsabilidades, seus temores e as pressões que os assaltam, porque ele também tem as responsabilidades de um presbítero. O apóstolo abraça seu chamado como líder na igreja, chamado que o levará ao martírio em Roma. Ele não está pedindo que eles façam nada

que ele mesmo não esteja fazendo (JOBES, 2022, p.530). A função que Pedro possuía e que eles tinham em comum era a do cuidado pastoral e da liderança.

Pedro também se descreve como “testemunha dos sofrimentos de Cristo”. Temos aqui uma afirmação direta por parte do autor de ter sido uma testemunha ocular dos sofrimentos de Cristo. Pedro esteve com Jesus desde o começo de seu ministério terreno (cf. Mt 4.18-20). Foi testemunha de todas as fases do seu ministério, incluindo os acontecimentos que culminaram no sofrimento e ressurreição de Jesus. Pedro testemunhou a onda de apoio popular se voltar contra Jesus. Pedro testemunhou como os líderes judeus rejeitaram Jesus, e ele sabia das tramas contra Jesus, comeu a última refeição da Páscoa com ele e testemunhou a agonia de Jesus no jardim do Getsêmani (Mt 26.36-46). Ele presenciou a traição de Judas, o instante de sua prisão, os maus tratos e o interrogatório diante do sumo sacerdote que o levou a ser julgado na presença de Pilatos (Mc 14.53 – 15.15). Mesmo que os evangelhos não digam que Pedro estava presente e tenha testemunhado o momento preciso da crucificação de Jesus, ele pode legitimamente alegar ser uma testemunha dos sofrimentos do Messias (JOBES, 2022, p.531).

Contudo, conforme Kistemaker (2006, p.255,256), ser uma testemunha (*μάρτυς*) não significa apenas que Pedro observou Jesus sofrendo, o que ele fez. Mas significa também, que o apóstolo é um daqueles que dá testemunho dos sofrimentos de Cristo (Lc 24.45-48; At 1.8; At 5.32). Ele proclama a mensagem da salvação porque é testemunha ocular dos sofrimentos que Jesus passou. O contexto do versículo 1 nos permite a interpretação que ele não só é companheiro dos presbíteros, mas também um companheiro daqueles que sofrem por amor a Cristo.

Segundo Jobes (2022, p.532,533), o ato corajoso de liderar a igreja em dias de perigo, em vez de renunciar a Cristo, é por si mesmo uma forma de testemunhar da qual Pedro compartilha com a liderança da igreja local. O apóstolo abraça de bom grado a liderança apostólica da igreja, tornando-se vulnerável às mesmas forças hostis que mataram Jesus. Os que seguem nas pegadas de Jesus (2.21) dão testemunho da verdade de sua mensagem quando participam do sofrimento e rejeição vividos por ele.

O terceiro elemento na autodescrição de Pedro é que ele é um “coparticipante da glória que há de ser revelada”. Desde o dia em quem

Pedro seguiu Jesus, ele viu vislumbres da sua glória durante seu ministério terreno, especialmente no momento da transfiguração de Jesus. Naquele momento, essa glória foi revelada de forma antecipada àqueles que lá estavam e puderem presenciá-la (Mt 17.1-9; Mc 9.2-10; Lc 9.28-36). Pedro também viu o Senhor ressuscitado (Mt 28.16-20, Mc 16.14-18, Lc 24.36-49, Jo 20.19-29; 21.1-23). Apesar de Pedro usar o tempo futuro, “há de ser revelada”, ele já indicou que os cristãos que sofrem por causa do nome de Cristo são bem-aventurados, porque o Espírito da glória de Deus repousa sobre eles (4.14). Conforme Boring (1999, p.169), esse “[...] é um paradigma da vida da Igreja como um todo, que tanto testemunha os sofrimentos de Cristo quanto já participa da glória escatológica por vir”.

DO SUPREMO PASTOR PARA O PASTOR PEDRO E DELE PARA OS PASTORES: PASTOREIEM O REBANHO DE DEUS

“[peço] que pastoreiem o rebanho de Deus que há entre vocês, não por obrigação, mas espontaneamente, como Deus quer; não por ganância, mas de boa vontade” (v.2).

A exortação que Pedro dá aos presbíteros é a mesma que Jesus deu a Pedro em João 21. O verbo que Pedro usa é o verbo *ποιμαίνω*, o mesmo utilizado no evangelho de João quando Jesus disse a Pedro: “Pastoreie as minhas ovelhas” (Jo 21.16). O mesmo verbo é usado também em Atos 20.28 para descrever a responsabilidade dos presbíteros da igreja. Pastorear inclui os deveres de alimentar, cuidar, liderar, guiar, guardar e suprir as necessidades daqueles que estão na igreja de Cristo – assim como um pastor do campo faz essas mesmas tarefas para suas ovelhas. Muitas vezes esse trabalho envolve grande sacrifício e muito esforço. O exemplo supremo é Jesus, que deu sua própria vida por suas ovelhas.

Conforme Mulholland (2004, p.103), é muito preciosa e significativa a figura do pastor que cuida com todo amor e carinho de suas ovelhas. A imagem de um pastor cuidando do seu rebanho, mantendo sua segurança durante longas horas, conduzindo-o às verdes pastagens e a águas tranquilas, carregando os fracos, procurando os perdidos, sarando os feridos e doentes, precisa ser preservada como sendo o real relacionamento e a vida de um pastor para com as ovelhas de Cristo que lhe foram confiadas.

Pastorear, conforme Lutero, envolve dois aspectos importantes: apascentar o rebanho e espantar os lobos. Além de cuidar e alimentar as ovelhas com pasto, que nada mais é do que pregar e ensinar a palavra de Deus e administrar os santos sacramentos a elas, meios pelos quais as almas são alimentadas, nutridas e se tornam frutíferas, faz parte do pastoreio também, cuidar para que os lobos não venham e despedacem/desviem as ovelhas.

Um pastor não deve apenas conduzir as ovelhas à pastagem, ensinando-as a serem verdadeiros cristãos; deve, além disso, também afastar os lobos para que não ataquem as ovelhas e as dispersem com doutrina falsa e engano. Pois o diabo não descansa. Hoje há muitos que deixam o evangelho ser pregado, mas cuidam para que não se clame contra lobos nem se pregue contra prelados. Porém, se eu prego de maneira correta, vigio e ensino às ovelhas, esse ato de proteger e guardar não impede que os lobos venham e desviem as ovelhas. Pois, o que se constrói se eu apenas coloco as pedras e fico vigiando para ver se alguém vai derrubá-las? O lobo certamente pode deixar as ovelhas terem um bom pasto. Quanto mais gordas elas são, mais ele gosta delas. Mas ele não suporta o latido hostil dos cães. Portanto, para quem leva isso a sério, é importante cuidar das ovelhas da maneira correta, como Deus ordenou. (LUTERO, 1967, p.135 – tradução nossa).

Qualquer pastor que deixe de proteger o rebanho que lhe foi confiado com os cuidadosos ensinamentos bíblicos, que não consiga distinguir um lobo na pele de um cordeiro, subestima imensamente a responsabilidade de sua posição. As destrutivas e falsas doutrinas dispersam o rebanho ou levam-no para uma armadilha, ou para um precipício para sua destruição (SHEDD, 1993, p.87).

É importante observar que o rebanho pertence a Deus, e não ao pastor. O rebanho o qual os pastores devem pastorear não é um rebanho independente, mas é *ποιμνιον τοῦ θεοῦ* – (rebanho de Deus). É evidente e sério o pressuposto que o rebanho é propriedade exclusiva do próprio Senhor, porque ele o “comprou com o seu próprio sangue” (At 20.28). Os pastores são chamados e ordenados para nutrir o rebanho em conformidade com a Palavra, ordem e vontade do Supremo Pastor Jesus. Se não agirem assim, serão declarados pelo próprio Senhor como “mercenários”, indignos de serem chamados “pastores” (ROTTMANN, 1978, p.109).

Como rebanho de Deus a igreja é provida de líderes. Esses líderes não são os pastores-chefes. O pastor-mor é Cristo. Mas Cristo requer que os líderes alimentem e cuidem do rebanho de Deus (At 20.28; 1 Pe 5.3-4). Como um organismo vivo a igreja precisa ser fortalecida mediante a Palavra e Sacramentos, para que permaneça saudável, madura e cresça. Através dos líderes que chamou, Deus assegura o cuidado das ovelhas de seu rebanho (HUNTER, 1993, p.47).

Conforme Scholz (1985, p.27), Cristo apascenta seu rebanho por meio do ministério pastoral. O rebanho, na verdade precisa de pastores. Cristo necessita de pastores para cuidar, dirigir e alimentar seu rebanho. No entanto, ele continua sendo o Supremo Pastor, de quem os pastores do seu rebanho dependem por inteiro e a quem são responsáveis. Os pastores do seu rebanho participam do ministério de Cristo, e, apenas em virtude disso, podem ser chamados de pastores. O rebanho sempre é de Cristo ou de Deus.

PASTOREAR, SUPERVISIONANDO O REBANHO DE DEUS

No texto grego,¹¹ aparece entre colchetes o particípio *ἐπισκοποῦντες* (supervisionando/atuando como bispos), que não é traduzido nas principais versões em português que temos à disposição, como a Almeida Revista e Atualizada (ARA), Nova Almeida Atualizada (NAA) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). A raiz do particípio *ἐπισκοποῦντες* é o verbo *ἐπισκοπέω*, que conforme Verbrugge (2018, p.217), pode significar “tomar conta”, “supervisionar”, “cuidar de”, “observar”, “superintender”, “vigiar” ou ainda “escrutinar”. Ele afirma também que o verbo e seus cognatos “ênfatizam o cuidado ativo e responsável por aquilo que está sendo observado”.

Há somente duas ocorrências do verbo *ἐπισκοπέω* no NT. Em Hebreus 12.15, onde é expressa a ideia do cuidado, e aqui, em 1Pedro 5.2, onde é revelado o princípio de exercer a supervisão. No entanto, conforme Omanson, há uma dúvida considerável que essa palavra faça parte do

11 O NOVO TESTAMENTO GREGO com introdução em português e dicionário grego-português, quarta edição revisada, Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

manuscrito original ou não de 1Pedro, pois alguns manuscritos a omitem e outros não. O texto mais breve pode ser resultado de uma omissão intencional, causada por considerações de fundo estilístico (a saber, que depois de *ποιμάνετε* [pastoreai] a palavra *ἐπισκοποῦντες* é redundante ou desnecessária) ou, então, por convicções de natureza eclesiástica (ou seja, que Pedro jamais poderia ter solicitado a presbíteros [v.1] que exercessem a função de bispo). Portanto, “para representar o equilíbrio da evidência externa e a incerteza se copistas acrescentaram ou omitiram o particípio, *ἐπισκοποῦντες* foi colocado entre colchetes para indicar que não se tem certeza quanto à sua originalidade” (OMANSON, 2010, p.508).

No entanto, “caso se optar pela inclusão do particípio, a presença de *ἐπισκοποῦντες* ajuda a mostrar que “pastorear o rebanho” significa que os presbíteros devem supervisionar e cuidar das necessidades da congregação” (MICHAELS apud OMANSON, 2010, p.509). Mas, segundo Jobs (2022, p.547), “Felizmente, nem a omissão nem a inclusão modificam substancialmente o sentido da admoestação de Pedro”.

Conforme Lutero (1967, p.135,136), supervisionar ou exercer a função de bispo não é uma posição que implique uma dignidade superior, mas

[...] é um ofício que exige que o titular deve tomar conta de nós, cuidar de nós e ser o nosso guardião. Ele deve saber que tipo de fraqueza existe em toda parte. Se alguém é fraco, deve ajudar e confortar. Se alguém cai, deve animá-lo, etc., a fim de que os cristãos possam ser adequadamente providos de corpo e alma, etc.

Levando em consideração o particípio *ἐπισκοποῦντες*, os presbíteros/pastores devem pastorear o rebanho de Deus supervisionando-os conforme Pedro descreve com uma série de três conselhos construídos com partículas negativas e positivas.

NÃO POR OBRIGAÇÃO, MAS ESPONTANEAMENTE, COMO DEUS QUER

Nessa primeira das três frases, o advérbio (*ἀναγκαστῶς*, sob compulsão/por obrigação) se opõe a (*ἐκουσίως*, voluntariamente/espontaneamente). O substantivo cognato (*ἀνάγκης*, compulsão) aparece na advertência de Paulo aos coríntios para não dar dinheiro à igreja sob compulsão, pois Deus

ama a quem dá com alegria (2Co 9.7). Pedro está dizendo algo semelhante em relação ao serviço no ofício pastoral da igreja. Os presbíteros devem pastorear o rebanho de Deus supervisionando-o voluntariamente, não como se fossem forçados por causa de pressão externa ou interna, mas de forma livre e espontânea (JOBES, 2022, p.537).

Os pastores que pastoreiam de má vontade, sob constrangimento, são incapazes de supervisionar ou cuidar genuinamente das pessoas. Nesse caso, conforme Cedar, “eles não estão desfrutando de seu ministério, ou estão em uma situação difícil da qual gostariam de escapar. Para eles, o ministério se tornou mero trabalho penoso” (CEDAR apud CONSTABLE, 2022, p.101 – tradução nossa). Lutero diz que é verdade que ninguém deve ser forçado ao ofício do ministério pastoral sem ser chamado, “[...] mas quando ele é chamado e requisitado, ele deve ir de boa vontade e fazer o que seu cargo exige. Pois aqueles que devem fazer isso por constrangimento e não têm desejo e amor por isso, não o farão bem” (LUTERO, 1967, p.136 – tradução nossa).

Os presbíteros devem pastorear o rebanho supervisionando-o “como Deus quer” (*κατὰ θεόν*). Podemos entender essa locução pelo menos de duas maneiras: “pastorear o rebanho segundo a vontade Deus” ou “pastorear o rebanho da forma como o próprio Deus o faz”. Alguns intérpretes optam pela segunda opção, a saber, de que os presbíteros devem pastorear o rebanho supervisionando-o de boa vontade e segundo o padrão do próprio Senhor. Este sentido, segundo Jobes (2022, p.538),

[...] harmoniza-se bem com o princípio geral de 1Pedro de que os crentes devem seguir as pegadas do Senhor, mencionado em 2.25 como “Pastor” e “Supervisor” (i.e., bispo). Além disso, esse conceito também se harmoniza com as alusões aos ensinamentos de Jesus segundo os quais os líderes que ele escolhe devem servir como ele mesmo serviu.

Nos dias de opressão e perseguição em que Pedro escreve, os líderes do povo do Senhor devem pastorear o rebanho de Deus supervisionando-o de uma maneira que o reúnam, apascentem e defendam, para que a comunidade cristã possa sobreviver e prosperar diante das pressões e perseguições (JOBES, 2022, p.538).

NÃO POR GANÂNCIA, MAS DE BOA VONTADE

Nessa segunda frase, o advérbio (*αισχροκερδῶς*, gananciosamente) contrapõe-se a (*προθύμως*, ansiosamente). O termo *αισχροκερδῶς*,¹² conforme Jobes (2022, p.539), implica uma tentativa desonesta de ganho financeiro, o que sugere que os líderes que pastoreavam a comunidade cristã às vezes se apropriavam indevidamente de seus recursos em benefício próprio. Já o termo *προθύμως* indica zelo, energia e entusiasmo pelo trabalho, e tal entusiasmo é o oposto do espírito calculista que se preocupa principalmente com como ganhar dinheiro (DAVIDS, 1990, p.179). Portanto, os presbíteros devem pastorear o rebanho de Deus supervisionando-o, não motivados pela ganância ou ganhos financeiros, mas por um espírito de ânsia de servir a Deus e ao povo de Deus.

Entretanto, o pastor, como qualquer cristão, é tentado a ser um “amante do dinheiro”, a buscar riquezas e ir ao encontro dos padrões do mundo secular (MUELLER; KRAUS, 1997, p.17). Porém, o amor ao dinheiro e a avareza são incompatíveis com o pastorado e com a própria vida cristã. Não há como se valer do espiritual para alcançar proveito material. Se isso acontece, quase sempre o ministério será difamado na igreja e no mundo. Não é fácil, porém necessário, o equilíbrio entre viver do evangelho e não pastorear por sórdida ganância (NERBAS, 2006, p.206).

Lutero diz que embora o pastor tire o seu sustento ensinando e pregando o evangelho,¹³ não é só por isso que deve exercer o seu ofício pastoral, antes, ele o deve exercer porque Deus o vocacionou para o ministério e o encarregou de executá-lo com fidelidade e empenho para o seu louvor e salvação das almas. O pastor deve exercer o seu ofício pastoral com sinceridade e de bom grado por amor da Palavra. Sua atividade deve prover do coração e se desincumbir do encargo antes que traga prestígio, dinheiro ou favorecimento, embora, quando estes forem a consequência, possa tê-los e fruí-los sem pecado (LUTERO, 2011, p.96).

12 *αισχροκερδῶς*: advérbio de origem da palavra *αισχροκερδής* (ganancioso). O mesmo é usado em Tito 1.7, onde Paulo instrui que uma das qualificações indispensáveis é que o bispo não seja ganancioso (cf. também 1Tm 3.3).

13 O apóstolo Paulo, na sua primeira carta a Timóteo, capítulo 5, versículo 17, diz que os presbíteros que presidem bem, especialmente os que se esforçam na pregação da Palavra e no ensino, devem ser considerados merecedores de pagamento em dobro.

NÃO COMO DOMINADORES, MAS SENDO EXEMPLOS PARA O REBANHO

“Não como dominadores dos que lhes foram confiados, mas sendo exemplos para o rebanho” (v.3).

Essa terceira frase continua ecoando o ensino do próprio Supremo Pastor Jesus, que havia apontado claramente que o caminho do mundo em geral era que os que são os líderes dominassem os liderados, esperando obediência e as “vantagens” da liderança. Mas esse não deveria ser o modelo que seus discípulos deveriam seguir (Mc 10.42-43). A isso, Jesus acrescenta algumas palavras sobre o seu próprio modo de liderar: “o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10.45; DAVIDS, 1990, p.180).

O verbo *κατακυριεύω* (exercer domínio sobre/dominar) é usado em ambos os textos 1Pedro 5.3 e Marcos 10.42. Segundo Malte (1949, p.769), seu uso implica uma autoridade exercida tanto injustamente como opressivamente. A maneira pela qual os governantes romanos intimidavam e forçavam subordinados a submeter-se a exigências opressivas era um mau exemplo. Seus discípulos deveriam ser servos, não patrões, ministros, não executivos. Portanto, Pedro exorta aos presbíteros que não devem dominar o povo como tiranos, como se o povo estivesse sob eles, para que possam fazer o que quiserem, mas que sua atitude deve ser um exemplo a ser seguido por outros na comunidade (JOBES, 2022, p.539).

Os pastores da igreja devem ser “exemplos para o rebanho”. Em outras palavras, os pastores devem assumir a liderança e se conduzir de tal maneira que sua vida possa ser um exemplo e cujos passos e condutas as pessoas sempre possam seguir (LUTERO, 1967, p.136). “[...] ser exemplo se encaixa bem com a imagem de “rebanho”, pois o antigo pastor não conduzia suas ovelhas, mas caminhava na frente delas e as chamava a segui-las” (DAVIDS, 1990, p.181 – tradução nossa).

A RECOMPENSA DO SERVO FIEL: A COROA DA GLÓRIA

“E, quando o Supremo Pastor se manifestar, vocês receberão a coroa da glória, que nunca perde o seu brilho” (v.4).

O que foi dito acima não sugere que não haja recompensa pelo pastoreio feito corretamente. Há uma recompensa, afirma o apóstolo Pedro

inspirado por Deus Espírito Santo, e que é escatológica, que se opõe ao ganho temporal para o qual os presbíteros não devem ser gananciosos (DAVIDS, 1990, p.181). Conforme Lutero, o apóstolo Pedro não pretende especificar uma recompensa temporal para os presbíteros. “É como se dissesse: Seu ofício é tão grande que não pode ser recompensado aqui. Mas você receberá uma coroa eterna, que virá por si mesma se você pastorear as ovelhas de Cristo dessa maneira” (LUTERO, 1967, p.137 – tradução nossa).

Jesus é aqui chamado de “Supremo Pastor” (*ἀρχιποίμενος*), um termo raro que não ocorre em nenhum outro lugar no NT. Esse termo, conforme Malte (1949, p.769), parece ter sido usado pelo apóstolo Pedro aqui para expressar o pensamento que havia sido impresso em sua mente pelas palavras de seu Senhor: “Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10.14). Fora da Bíblia esse substantivo é atestado pelo menos duas vezes em textos existentes do período romano e era um título que aparentemente seria familiar aos leitores de Pedro. O *ἀρχιποίμενος* era o supervisor dos pastores quando o rebanho era grande demais para ser cuidado por apenas um deles (JOBES, 2022, p.540). Lutero expressa bem essa imagem ao dizer que: “Cristo é o Supremo Pastor do rebanho, e sob ele tem muitos pastores, bem como muitos rebanhos de ovelhas. Estas ovelhas ele designou a seus pastores aqui e ali em muitas terras” (LUTERO, 1967, p.134 – tradução nossa).

A coroa também é uma imagem bem conhecida no mundo greco-romano do primeiro século, pois uma coroa de folhas, geralmente de louro ou oliveira, era frequentemente concedida àqueles que ganhavam competições atléticas e a cidadãos ilustres nas cidades gregas. Também, uma coroa semelhante, mas feita de ouro, era frequentemente dada como recompensa para benfeitores cívicos (JOBES, 2022 p.541). No entanto, essas coroas estragam, murcham, e a honra concedida é esquecida, mas em contraste com essas coroas, a coroa que Jesus dá, essa nunca perde o seu brilho e consiste em “glória” (DAVIDS, 1990, p.182).

Schreiner (2003, p.237) diz que não está explícito no texto se a coroa equivale à própria vida eterna ou se é outro tipo de recompensa especial para os presbíteros, porém, firmado em outros textos bíblicos em que essa imagem da “coroa” (*στέφανος*) aparece, a recompensa é o prêmio eterno da vida com Cristo Jesus (cf. 1Co 9.25; 2Tm 4.8; Tg 1.12; Ap 2.10; 3.11). Vida esta que ele conquistou para todo seu rebanho e pastores do seu rebanho. Nele não foi posto, como recompensa, uma coroa de louro, oliveira ou de

ouro, mas uma coroa de espinhos. Jesus também não recebeu em suas mãos um troféu, mas, sim, dois pregos cravados nelas na cruz. Ele também não sobe em um pódio ocupando o espaço do primeiro colocado, mas é erguido na cruz, lugar onde eram colocados os piores condenados. É na cruz e em sua ressurreição que ele se torna vitorioso e compartilha a sua vitória, a coroa da glória, com o seu rebanho e com os pastores do seu rebanho. A recompensa da glória eterna deve ser toda a razão de que qualquer pastor precisa para desejar pastorear fielmente.

CONSIDERAÇÕES

À luz da experiência do apóstolo Pedro com o Supremo Pastor Jesus em João 21.15-17, aprendemos, primeiramente, que, para pastorear as ovelhas, o requisito principal é amar o dono delas – Jesus Cristo. E esse amor será manifesto no cuidado pelo rebanho do Senhor.

Pode parecer óbvia essa constatação, mas Jesus apenas diz para Pedro apascentar e pastorear as ovelhas. “Apascentar” (βόσκω, v.15,17), como foi visto, tem a ver com alimentar. Alimentar as ovelhas de Cristo é alimentá-las não com a opinião do pastor ou com vãs filosofias, mas com a palavra de Deus e os santos sacramentos. E como é importante que as pessoas sejam constantemente alimentadas com a Palavra. Afinal, “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). E quem ouve os pastores, ouve o próprio Cristo (Lc 10.16). A grande tentação no ministério é o pastor se envolver em tantas outras coisas e acabar se desviando daquilo que é fundamental, i.e., ensinar e proclamar a palavra de Deus. Apascentar consiste também em alimentar com a ceia do Senhor as ovelhas de Cristo lavadas em seu batismo, seladas em seu nome e redimidas com seu sangue. O sacramento da santa ceia dá o perdão dos pecados e revigora o rebanho de Cristo para o fortalecimento e crescimento na fé.

A outra palavra grega empregada por João no chamado de Jesus a Pedro – (ποιμαίνω, v.16), consiste em não só alimentar, o que é importante e faz parte do dever de pastorear, mas é mais abrangente; consiste em tomar conta, cuidar das ovelhas. Assim, podemos dizer que pastorear consiste em cuidar espiritualmente das ovelhas de Cristo – ser um cura d’almas, procurar as que se perderam, proteger as ovelhas, i.e., repelir os

lobos vorazes que não pouparão o rebanho. É assumir o ofício de pastor cumprindo fielmente todos os deveres envolvidos nessa tarefa.

A partir das palavras do apóstolo Pedro em 1Pedro 5.1-4, somos instruídos que pastorear o rebanho de Deus é também exercer supervisão. Em geral, o pastor deve supervisionar a doutrina e a vida da congregação cuidando de todas as suas necessidades. Deve pastorear supervisionando, não por constrangimento, mas de boa vontade, com verdadeiro interesse e com cordial amor ao rebanho que lhe foi confiado. Não pensando em possuir dinheiro e bens, fazendo disso o único objetivo de seu trabalho, mas avidamente, servindo com o melhor de suas capacidades. O pastoreio e a supervisão não devem ser vistos pelo pastor como uma licença para dominar o rebanho de Deus. Em vez disso, no seu dever de pastorear e supervisionar deve incluir a consciência de sua responsabilidade de dar exemplo de uma vida digna de imitação e que agrada a Deus. Lembrando que o rebanho não é do pastor para que ele o pastoreie e supervisione como bem quiser, mas o rebanho pertence ao Supremo Pastor Jesus, ao qual os pastores estão sujeitos e dele também dependem para serem pastoreados e no qual esperam para serem encontrados imaculados no último dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCIENT CHRISTIAN COMMENTARY ON SCRIPTURE. *John 11-21*. Elowsky, JC (Ed.). InterVarsity Press: Downers Grove, 2007.
- BEYREUTHER, E. Pastor. In.: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2.ed. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BORING, Eugene M. *1 Peter*. Nashville: Abingdon Press, 1999.
- BRUCE, F.F. *João: introdução e comentário*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- CARSON, D. A. *O comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- _____. *Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias*. Trad. Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao*

Novo Testamento. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CONSTABLE, 2022. *Notes on 1 Peter*. Disponível em: <<https://plano-biblechapel.org/tcon/notes/pdf/1peter.pdf>>. Acesso em: 5 set.2022.

DAVIDS, Peter H. *The First Epistle of Peter*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. *Como ler a bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas*. Trad. Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

HUNTER, Kent R. *Fundamentos para o crescimento da Igreja*. São Paulo: Instituto Concórdia de São Paulo, 1993.

IGREJA Evangélica Luterana do Brasil. *Culto Luterano: liturgias e orações*. Comissão de Culto da IELB (org.). Porto Alegre: Concórdia, 2015.

JOBES, Karen H. *1 Pedro: comentário exegetico*. Trad. Marcos Vasconcelos. Edição do Kindle. São Paulo: Vida Nova, 2022.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento: 1 Pedro, 2 Pedro e Judas*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KRETZMANN, Paul E. *Popular Commentary of the Bible New Testament*. v.1. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1921.

LAUTER, Giroto Gabriel. Um estudo dos termos relacionados ao ministério pastoral usados no Novo Testamento. *Revista Batista Pioneira*. Ijuí, v.2, n.2, p.227-240, dez.2013.

LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. John's Gospel*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961.

_____. *The Interpretation of The Epistle of St. Peter, St. John and St. Jude*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1966.

LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Comissão Interluterana de Literatura (Orgs.). São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Trad. Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUTHER, Martin. Sermons on the First Epistle of St. Peter. Trad. Martin H. Bertram. In.: *Luther's Works* (AE), v.30. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1967.

LUTERO, Martinho. Resumo da Vida Cristã Conforme S. Paulo e 1 Timóteo 1. Trad. Joachim H. Fischer. In.: *Obras Seleccionadas de Lutero*, v.5. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Editora da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

_____. Interpretação Bíblica, Princípios: Prefácio à Primeira Epístola de S. Pedro. Trad. Walter O. Schlupp. In.: *Obras Seleccionadas de Lutero*, v.8. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Editora da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2003.

MALTE, Eric C. The Message of the First Epistle of Peter for Our Day. *Concordia Theological Monthly*. Saint Louis, v.20, n.10, p.728-774, oct.1949.

MORRIS, Leon. *The Gospel according to John*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

MUELLER, Ênio R. *I Pedro: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

MUELLER, Norbert H.; KRAUS, George. *Teologia Pastoral*. Trad. Paulo e Ivonete Teixeira. [s.l], [s.ed], 1997. (Tradução não publicada.)

MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da Igreja: uma igreja segundo os propósitos de Deus*. São Paulo: Shedd publicações, 2004.

NERBAS, Paulo M. O pastor e seu perfil segundo as cartas pastorais. In: HEIMANN, Leopoldo (Org). *Lutero, o pastor: [textos do] 4*. Fórum ULBRA de Teologia. Canoas: Editora da ULBRA, 2006, p.203-207.

OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”*. Trad. e adapt. Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

ROPS, Henri Daniel. *Vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

ROTTMANN, Johannes H. *Pastor-rebanho: uma imagem bíblica do povo de Deus*. *Revista Igreja Luterana*. Porto Alegre, n.3, p.97-114, inverno 1978.

SCHREINER, Thomas R. *1, 2 Peter, Jude*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2003.

SHEDD, Russel P. *Nos passos de Jesus: uma exposição de 1 Pedro*. Trad. Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SCHOLZ, Vilson. O Ministro: nomes, qualificações, atribuições e formação. *Revista Igreja Luterana*. Porto Alegre: n.1, p.17-52, out.1985.

VERBRUGGE, Verlyn D. Verbete: πρεσβυτέρους, ἐπισκοπέω. In.: Verlyn D. Verbrugge. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento: edição condensada*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã* – edição especial volumes I e II. Trad. D. Glênio Vergara dos Santos e Robert T. Handy. Rio de Janeiro: JUERP; São Paulo: ASTE, 1983.